

O ÚLTIMO CARRO

João das Neves

PERSONAGENS:

Zé
Zefa
Guarda
Mulher de João
Jorge
João
Fulano
Menino
Outro Menino
Sujeito 1
Sujeito 2
Deolindo
Pedro
Neco
Hilário
Rapaz
Beto
Mariinha
Prostituta
Antônio
Cicatriz
Zico
Ruivo
Passageiro
Velha
Judith
Vendedor
Camponês 1
Camponês 2
Beato
Bilheteiro
Homem (pai)
Mulher (mãe)
Silvia
Guarda 2
Passageiro 1
Passageiro 2
Passageiro 3
Moça
Mulher 1
Mulher 2
Mulher 3

(Estação de trem suburbano. Um homem está sentado num banco, cochilando. Noite fechada. Mais ou menos uma hora da madrugada. Todo o movimento cessou. Chega um casal de mendigos, discutindo. Ele está completamente bêbado; ela, mais ou menos. Zé traz na mão direita um bolo de notas e levanta-as bem alto, procurando impedir que ela as alcance. Zefa, que é baixinha, dá uns pulinhos, tentando inutilmente alcançar as notas.)

ZÉ
Num faz escândalo, mulher. O dinheiro é meu, a barriga é minha, a cabeça é minha. Eu bebo, pronto. Ninguém tem nada com isso.

ZEFA
Deixa de ser moleque. Me dá o dinheiro.

ZÉ
O dinheiro é meu. Eu ganhei ele com o meu suor. O suor do meu rosto. É meu, sou um homem livre. Gasto o meu dinheiro do jeito que eu quero.

ZEFA
Pode gastar o teu, se quiser. Mas devolve o meu dinheiro das minhas esmolas. É meu.

ZÉ
Fica quieta aí, mulher. Fica quieta. Aqui num tem dinheiro teu. O dinheiro é do chefe da casa. Quem é que veste calças aqui? É você? Heim? Então recolha-se.

ZEFA
(Sempre dando pulinhos para alcançar o dinheiro)
Tu não vai beber mais, Zé. A gente precisa de economizar.

ZÉ
Economizar uma droga. *(Mostrando o maço de notas a ela)* Tá vendo? Tá? *(Ri.)* É meu. Acabou-se. *(Cantando)* Tudo acabado entre nós, já não há mais nada. *(Canta horrivelmente desafinado e rodopia pela plataforma. Vai deixando que as notas caíam no chão. Zefa corre a recolhê-las.)*

ZEFA
Olha o dinheiro, diabo. Tu nem sabe mais o que tá fazendo.

(Zé finalmente percebe que está deixando cair o dinheiro e, ao tentar apanhar uma das notas no ar, desequilibra-se e cai redondo no chão, ao lado do banco. Zefa acode, prestativa.)

ZEFA
Zé, meu filho, o que foi? Machucou, benzinho, machucou? Eu num disse? *(Olha para o homem que está dormindo no banco.)* Moço, acode aqui. *(Chora.)* Pra que tu foi beber tanto, Zé?

ZÉ
Que diabo de chão mais duro, gente.

ZEFA
Tá melhor, benzinho, tá melhor?

ZÉ
(Procurando sentar-se) Melhor o quê? Cadê meu dinheiro, mulher traidera. Me dá o meu dinheiro. *(Grita.)* Eu quero o meu dinheiro.

ZEFA
Tem dinheiro, não. *(Para o homem que dorme)* O senhor tá vendo, moço, tá vendo? Isso é um ingrato. Um desalmado. Eu cuido dele, moço. Cuido. Trago ele arrumadinho. Limpinho. *(Mostra o mendigo todo esfarrapado ao rapaz.)* Trato dele que nem criança. Até banho dou nele. Costuro a roupinha dele. Olha só, moço, olha só. E ele me trata desse jeito.

ZÉ
Moço, me faz um favor. Vai ali, chama aquele guarda e diz a ele que essa mulher me roubou.

ZEFA
É... a paga do meu sacrifício é essa. Da minha fidelidade. Eu sou fiel, moço. Graças a Deus sou uma mulher que se preza. Nunca enganei ele com homem nenhum. Sou fiel. Só cuido dele. Sou incapaz de olhar pra outro homem. Não sou dessas.

ZÉ
(Sacudindo o rapaz que continua a dormir) Ô moço, chama o guarda aí, seu. Diabo de terra. A gente é assaltado e ninguém liga.

ZEFA
Deixa o moço em paz. *(Suspirando)* Esse homem é a minha desgraça. Mas que que eu vou fazer? Quando a gente gosta...

ZÉ
Gosta é do meu dinheiro.

ZEFA
Dinheiro... olha só! Um traste velho desses que num tem onde cair morto, de boca cheia com o dinheiro dele. Ah, se eu num fosse uma mulher séria.

ZÉ
(Começa a gritar.) Seu guarda! Seu guarda!

ZEFA
(Assustada) Não grita, meu filho. Você quer ir dormir nas grades, heim? Separado de mim? Ah, meu Deus! Só me dá desgosto.

ZÉ
Olha, mulher, vamos parar de conversa. Me dá o meu dinheiro.

ZEFA
Tá vendo, moço, tá vendo? A gente gostar de uma criatura é uma infelicidade. Eu tava tão bem de vida!

ZÉ
(*Rindo, debochado*) Bem de vida. É boa. Um diabo que eu tirei da rua da amargura, que não tinha onde cair morta.

ZEFA
É assim... Eu apanhei esse homem na sarjeta, moço. Na sarjeta. Apanhei de pena, com a cara na lama. Bêbado com a cara na lama. Tive pena. Tratei dele. Remendei a roupinha. Até comida na boca eu dei. De pena. Dei banho. Lavei tudinho, Deus que me perdoe. Agora me trata assim. Ah, se eu quisesse...

ZÉ
Na rua da amargura. Agora tá toda perequeté. Mas é com o meu dinheiro.

ZEFA
Teu dinheiro! Teu dinheiro pra quê, estafermo? Graças a Deus sou uma mulher independente. Eu preciso do teu dinheiro pra quê, estafermo? Eu preciso do teu dinheiro?

ZÉ
Num precisa, mas tá com ele. Ô moço, chama o guarda aí, seu! (*O rapaz continua a dormir.*)

ZEFA
Não precisa chamar ele, não. Eu chamo, pronto. Seu guarda, ô seu guarda! (*O Guarda, que durante todo o tempo estava do outro lado, aproxima-se.*)

GUARDA
Que fô? Que bagunça é essa?

ZEFA
É meu marido, seu guarda. Quer falar com o senhor.

GUARDA
Que é que há? (*Zé olha para o Guarda, mas não se anima a dizer nada.*) Como é que é? Perdeu a língua?

ZEFA
Fala, Zé. Fala com o guarda. Tu não queria falar com o guarda? Fala, Zé.

ZÉ
O trem vai demorar muito, seu guarda?

GUARDA
Isso não é comigo, é com o chefe da estação.

ZEFA
(*Rápida*) Num disse que era com o chefe? Obrigada, seu guarda. (*O Guarda continua a olhar para os dois.*) Pode ir embora, seu guarda. Agradecida.

ZÉ
É. Pode ir.

ZEFA
Era só.

ZÉ
Muito agradecido.

ZEFA
Desculpe incomodar.

ZÉ
Era só. (*O Guarda olha-os ainda um instante. Os dois se encolhem. O Guarda sai.*)

ZÉ
O chefe da estação não sabe.

ZEFA
Ah, ele nunca sabe de nada. (*Abotoa o paletó em farrapos do companheiro.*) Abotoa esse paletó, Zé. Tá fazendo frio. (*Acha qualquer coisa no bolso de Zé.*) Mas o que é isso? (*Tira uma rosa meio amassada.*) É uma flor. Ah, Zé! É pra mim, Zé? Tu comprou pra mim?

ZÉ
Que comprei o quê, mulher. Eu sou lá fresco? Achei por aí, no chão.

ZEFA
Mas tu trouxe pra mim, Zé, foi? (*Ele faz um muxoxo, sem responder. Pausa.*) Fecha, fecha esse paletó. Você vai acabar se resfriando.

ZÉ
Ah.

ZEFA
Você nem se cuida.

ZÉ
Ah.

ZEFA
Por isso tá sempre resfriado, tossindo.

ZÉ
Ah.

ZEFA
(*Suspirando*) Eu nasci mesmo pra sofrer.

ZÉ
Ah.

ZEFA
Virgem! Que homem mais desleixado eu fui arranjar.

ZÉ
Ah.

ZEFA
Antes tivesse ficado com o Benedito. (*Zé ri.*) Tá rindo de quê?

ZÉ
De que é que eu posso rir? Me diz! De que é que eu posso rir?

ZEFA
Sei lá. Você parece maluco. (*Zé ri muito.*) Tá rindo de quê, homem de Deus?

ZÉ
(*Sempre rindo*) Ora de quê. De que eu iria rir?

ZEFA

E eu sei?

ZÉ

De que é que eu podia tá rindo? Do chifrudo do Benedito, ora essa.

ZEFA

Num fala dele desse jeito. Respeita.

ZÉ

Respeita, respeita. De que jeito você quer que eu fale? Quem tem pena é galinha, quem tem pulga é cachorro, quem tem teta é vaca e quem tem chifre é chifrudo. CHI-FRU-DO.

ZEFA

Num fala assim... Olha todo mundo olhando! Que é que vão pensar de mim?

ZÉ

Um chifrudo sem eira nem beira.

ZEFA

Mas andava sempre limpinho.

ZÉ

Nem sapato tinha.

ZEFA

Sempre arrumadinho.

ZÉ

Só mesmo uma coitada pra viver com aquilo.

ZEFA

E era uma boa alma.

ZÉ

Vivia de porre.

ZEFA

Quem fala. Tá vendo, moço? É assim. Ah, meu Deus.

ZÉ

Teu Deus o quê? O quê? Tá achando ruim? Vai embora. Me deixa.

ZEFA

Tê deixa, te deixa. Você fala, mas é da boca pra fora.

ZÉ

Me alivia. Vai te pendurar nos chifres do Benedito.

ZEFAIngrato! Seu ingrato! *(Chora, magoada.)* Faça tudo por esse homem, moço. Tudo. Deixei uma situação. *(Na sua comoção, esquece a bolsa no chão. Zé aproveita a situação para pegá-la.)***ZÉ**

Ah, peguei.

ZEFA*(Gritando, enquanto luta pela posse da bolsa)* Não, Zé, deixa o dinheiro aí. Num vai beber mais, Zé.**ZÉ**Meu dinheiro, me dá o meu dinheiro. *(Os dois**brigam. A bolsa se abre e o dinheiro vai se espalhando pelo chão. Os dois catam e continuam a discutir.)***ZEFA**

Deixa, Zé. Deixa o dinheiro. A gente precisa dele, Zé. Você vai gastar tudo em cachaça. Tu não pode mais beber, Zé.

ZÉNum amola. Meu dinheiro. É meu. Ganhei com meu suor. *(Continuam a brigar de gatinhas pela posse do dinheiro. O Guarda se aproxima. Os dois param ao pé do Guarda e ficam ajoelhados, com algumas notas na mão. Zefa pega a bolsa, tira um lenço imundo e assoa o nariz.)***GUARDA**

Que desordem é essa aí, heim? Que é que há?

ZÉ

É essa mulher, seu guarda. Roubou meu dinheiro.

ZEFA*(Chorosa)* É mentira, seu guarda. Eu só ia guardar o nosso dinheiro pra ele não beber mais. É mentira dele, seu guarda. *(Abraçando-se a Zé e chorando)* Ah, Zé. Por que você faz isso comigo, Zé?**GUARDA***(Para Zefa)* Deixa eu ver esse dinheiro. *(Ela entrega o dinheiro ao Guarda, sempre soluçando e abraçada a Zé, que a repele.)* E você também, vamos passando o dinheiro.**ZÉ**

Eu, seu guarda?

GUARDA

É, você mesmo. Me dá esse dinheiro aí.

ZÉ

Mas seu guarda!

GUARDANão tem mais nem meio mais. *(Tira o cassetete.)* Como é que é? Vai dar?**ZÉ**

Tá bem, tá bem. Não vos exaltei-vos.

GUARDA*(Pegando-o pela gola)* Olha aqui, ô porqueira.**ZÉ**

Porqueira não, seu guarda. Cidadão.

GUARDA*(Enfurecendo-se)* Tá querendo desacatar a autoridade?**ZEFA***(Desesperada)* Não, seu guarda. Num bate nele, seu guarda.**GUARDA***(Larga-o e ajeita a roupa. Para ela)* E você aí. Recolhe esse dinheiro e bota tudo na minha mão.

(Ela apanha as notas, mas esconde algumas nos seios, sem que o Guarda veja. Dá as outras ao Guarda, que começa a contá-las.)

ZÉ

Tá faltando, seu guarda. Ela escondeu nos peitos.

GUARDA

Cadê o resto, mulher?

ZEFA

Não, seu guarda. Esse num é dele. É o meu dinheiro, seu guarda. É meu.

GUARDA

Vamos!

ZÉ

Isso, seu guarda. O dinheiro é todo meu, que ela roubou. Sabia que o senhor era um moço direito. Eu sou pelo direito. O senhor também, já vi que o senhor é pelo direito, que nem eu. Por isso eu sou pelo senhor e o senhor é por mim. Muito obrigado, seu guarda. *(Estende a mão para receber o dinheiro, enquanto fala para Zefa.)* Viu, mulher, o que vale a autoridade? *(O Guarda mete o dinheiro no bolso e vai saindo.)*

ZÉ

(Chamando) Ei, seu guarda?

GUARDA

(Voltando-se) O que foi agora?

ZÉ

O senhor se esqueceu de me devolver o dinheiro.

GUARDA

(Estica a mão.) Toma. *(Quando Zé se aproxima leva um pescoção do Guarda e sai rodando. Vem cair de borco no colo de Zefa, que continua ajoelhada no chão, choramingando. O Guarda sai, caindo na gargalhada.)*

ZEFA

Machucou, benzinho? *(Baixo)* Filho da puta.

ZÉ

Num sei pra que tanta violência. *(Olhando para Zefa)* Tá chorando por quê, mulher? É vinho triste?

ZEFA

Viu o que tu foi arranjar? E agora?

ZÉ

Agora o quê?

ZEFA

A gente tá na rua da amargura. *(Chora.)*

ZÉ

A culpa é tua. E num novela que eu não sou Rede Globo.

ZEFA

A culpa é sempre minha.

ZÉ

É tua. Diabo de mania de ficar com o dinheiro dos outros.

ZEFA

Era pra você mesmo. Tava juntando pra comprar aquele paletó do Neco.

ZÉ

Hum. Num sei qual é a validade de gastar dinheiro em trapo.

ZEFA

Trapo é isso que você tem aí.

ZÉ

Num é trapo. É tiras. E que é que tu tem com isso?

ZEFA

Sei. Quem passa vergonha de andar com homem maltrapilho sou eu.

ZÉ

Elas por elas.

ZEFA

Elas por elas, não. Comigo num me importa. Mas tu tem que ter apresentação.

ZÉ

Quem gosta de mim tem que gostar do jeito que eu sou.

ZEFA

De homem maltrapilho eu num gosto.

ZÉ

Então me deixa. *(Vai levantando.)* Me deixa. Tu é livre. Eu te dou a tua liberdade. Você é uma mulher livre.

ZEFA

Num preciso que tu me dê nada.

ZÉ

Mas eu dou. Eu quero dar, pronto, dou. Está acabado. Você é uma mulher livre. Eu sou um homem livre. Nós estamos numa democracia. Você vai pra lá que eu vou pra acolá. Somos livres. Vai embora. *(Sai andando e cambaleando.)*

ZEFA

Vai embora. Eu sei. *(Sai atrás dele.)*

ZÉ

Me deixa. A coisa que eu mais prezo no mundo é a minha liberdade. *(Canta.)* Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós.

ZEFA

Liberdade, liberdade. Olha aí. Todo sujo. Parece um mendigo. *(Vai atrás dele, batendo-lhe na roupa para limpar. Ouve-se um apito de trem. Os dois vão andando para o fundo da plataforma, ela sempre a bater na roupa dele como a escovar.)*

CENA II

(Interior de um trem em movimento. Trem parado, desses que devem parar obrigatoriamente em todas as estações. Os bancos são distribuídos

alternadamente, ao comprido e na largura do vagão. Alguns homens mal vestidos e crianças maltrapilhas dormem encolhidos nos bancos. Uns calçando apenas um sapato ou alpargata, outros inteiramente descalços. As portas do trem estão abertas ou apenas semifechadas. Os vidros das janelas estão, em sua maioria, quebrados. Um rapaz meio abobalhado fala a um casal. Está sentado com as pernas esticadas e as mãos entre elas. O corpo ligeiramente inclinado para a frente. De vez em quando, tira uma das mãos de entre as pernas e ilustra a palestra com gestos pesados e largos.)

JORGE

A comadre mais o compadre não vieram ontem, não é?

JOÃO

Não. Ontem foi dia da nossa folga.

JORGE

Ah, pois é. Eu logo vi. Eu entrei no trem, que ontem eu peguei esse trem mesmo. Da uma hora. Aí eu entrei e disse pro meu colega que tava comigo: eu vou procurar meu compadre mais minha comadre. Mas aí eu não achei, não. Então eu me estiquei nesse banco aí, acho que foi nesse mesmo, e dormi. *(Sorri pesadamente.)* Dormi até chegar na Central. Quando acordei levei até um susto. Pensei que tinha voltado pra Campo Grande. Eu acordei e o trem já tava escuro, olha só. O meu companheiro num me chamou que ele esqueceu. Aí eu levei aquele susto. *(Ri.)* Pensei que tivesse voltado pra Campo Grande. *(Ri.)* Se eu tivesse voltado, ia ser fogo. Já pensou? Nem brinca! Olha, comadre, a senhora pode descansar. O compadre também. Se quiserem dormir, pode, que eu fico olhando, ah fico. Quando a minha comadre mais o meu compadre vêm no mesmo trem que eu, eu fico só vigiando. Num brinca. *(Fala em tom confidencial.)* É que aqui dá muito assaltante. Outro dia, comadre, o compadre veio no trem cochilando, aí eu fiquei só vigiando. Aí veio vindo um malandro... *(Fala quase cochichando.)* que eu conheço ele, sei que ele é assaltante. Mas aí ele veio vindo assim como quem vai sentar, mas o que ele queria era roubar o compadre! Faz que nem eu que numa vez que dormi e quando acordei na Central tinham me roubado os sapatos. *(Ri.)* Cheguei descalço. *(Ri.)* Aí eu gritei assim como quem não sabe, mas deixa que eu tava vigiando o compadre e conheço ele e sabia que ele queria era roubar, mas eu tava de olho nele e não ia deixar ele roubar o meu compadre. Se fosse outro qualquer, que se

danasse, que eu não vou arrumar confusão com esses malandro assaltante por qualquer um, mas o meu compadre mais a minha comadre são meus. *(Ri.)* Aí eu disse: ó fulano, que ele chama Juca, mas eu não lembrava direito e eu chamei fulano mesmo, que é nome que todo mundo atende, e chamei fulano mesmo. Como é que é, você vai sair esse ano? Porque ele já foi até da Sinfonia, por isso que eu conheço ele tão bem, mas é que no ano passado ele não saiu com a gente porque tava preso. Eu sou da Sinfonia também. O compadre conhece a Sinfonia? A senhora conhece, minha comadre? *(Ri.)* Ah, eu gosto um bocado da comadre. Quando a senhora não vem, eu sempre pergunto ao meu compadre pela senhora. A senhora conhece a Sinfonia dos Tamancos? É o nosso bloco. É legal. *(Interrompe-se e grita para um passageiro que vai andando pelo trem.)* Oh, fulano? *(Baixo aos dois)* Esse malandro é assaltante. Quer ver? *(Grita.)* Como é que é, ó fulano?

FULANO

Ôba. Tudo legal?

JORGE

Viu como ele respondeu? É assim.

(Acompanhando o fulano com o olhar, levanta um pouco o corpo, esticando o pescoço.) Ah, viu? Ele vai pra trás, pro terceiro vagão, de lá pra trás é que eles assaltam. *(Passa um soldado.)* Boa noite. *(Baixo.)* Tá vendo? O guarda vai atrás dele. Esse guarda é soldado. Ele vai ver se pega. *(Levantando e olhando)* Ele é soldado do exército. Eu vou até ver. Pera aí, meu compadre. Eu volto já, minha comadre. Vou só ver. *(Levanta-se definitivamente e olha para o outro vagão. Fala alto para os outros passageiros.)* Tá vendo? O guarda vai pegar ele. Vamo lá. *(Um dos passageiros se levanta, olha sem muito interesse e volta a sentar-se. Zé, o mendigo, que havia sentado mais ou menos no meio do vagão com Zefa, também se levanta e sai jogando de um lado para outro, como um navio na tempestade, sempre em direção aos vagões do fundo. Zefa permanece sentada, cochilando.)*

JORGE

Você vai pra lá? *(Zé, ao ouvir Jorge, pára, olha fixa e indefinidamente, dá uma cusparada no chão e, virando-se outra vez, prossegue o seu caminho, desaparecendo no outro carro.)* Viu? Ele vai pra lá. *(Gritando)* Pera aí que eu vou contigo. *(Jorge sai no encalço do Zé. Do outro carro entra um menino com uma lata de amendoins.)*

MENINO

Torradinho! Olha o torradinho. Vai querer?

JOÃO

(Para a moça que o acompanha) Quer um?
(Ela faz que sim.)

JOÃO

Me dá dois. Ei, menino! Me dá dois. Tá quentinho mesmo?

MENINO

Tá, sim senhor. Olha aí. *(Levanta a lata e mostra o carvão aceso.)*

JOÃO

Me dá dois. Quanto é?

MENINO

É trezentos cruzeiros, sim senhor.

JOÃO

Puxa! *(Dá o dinheiro ao menino. Um passageiro, que estava dormindo, encolhido no banco, levanta-se e acorda outro que também dormia, perto de uma das portas.)*

SUJEITO 1

Oh, rapaz, acorda.

SUJEITO 2

Ahn. *(Continua a dormir.)*

SUJEITO 1

Acorda aí, seu.

SUJEITO 2

Que é? Deixa de ser chato.

SUJEITO 1

Levanta aí, rapaz.

SUJEITO 2

Não aporrinha, droga.

SUJEITO 1

É só um instante.

SUJEITO 2

(Sentando-se) Ai meu cacete. Que que tu quer?
Não se pode nem dormir!

SUJEITO 1

Chega pra lá.

SUJEITO 2

Não me enche, merda!

SUJEITO 1

Chega pra lá, rapaz. Depois tu deita de novo.
(Sujeito 2 se afasta contrafeito, arrastando-se pelo banco. Sujeito 1 levanta uma parte do banco e mexe em qualquer coisa. Ouve-se um ruído semelhante ao de um freio hidráulico e uma das bandas da porta, que estava aberta, se fecha. Sujeito 1 dá um leve toque no Sujeito 2, que, sentado, voltara a cochilar e com o toque vai caindo em câmara lenta até ficar deitado de novo. Sujeito 1 examina a banda da porta que não se fechou.) Merda! Tem pedra.
(Tenta retirar a pedra e, não conseguindo, volta meio desanimado para o banco de onde se tinha levantado e torna a se deitar.)

MENINO

Olha o torradinho aí. Vai querer? *(Entra outro menino no vagão.)*

OUTRO MENINO

Embalhé. Olha o doce de leite Embalhé.

MENINO

Torradinho! *(Zé volta do outro vagão e atravessa todo o carro. Zefa, que já estava procurando por ele, levanta os braços e segue-o. Ele vai para a extremidade do vagão, ao lado da cabine do maquinista, e fica ali em pé, inclinado e oscilando. Zefa puxa-o pelo braço e fala qualquer coisa. Ele recusa-se a atendê-la. Zefa senta-se perto dele. O ruído das rodas do trem vai aumentando, dominando a cena, com as pessoas em silêncio, a maioria dormindo ou cochilando, imitando o movimento do trem. O Soldado também volta do outro vagão. O trem dá um solavanco que joga as pessoas umas em cima das outras. Depois dá outro e finalmente pára. A banda da porta que havia sido fechada volta a abrir-se. Novo solavanco e o trem torna a andar. Zé, sempre inclinado para a frente. As luzes apagam-se.)*

CENA III

(Plataforma. Um grupo de operários conversa, esperando o trem.)

DEOLINDO

Essa droga desse trem já tem mais de uma hora de atraso.

HILÁRIO

Uma hora só? Então tá bom. Tá cedo ainda.

NECO

Tá no horário.

DEOLINDO

Esculhambação!

PEDRO

É uma merda. A gente mora mais na estação que em casa.

DEOLINDO

Eu já decidi, velho. Vou juntar aí uma nota, comprar um desses canos que a Sursan larga por aí, bem largo, e vou me mudar com toda a família pra perto da estação. Não preciso nem gastar dinheiro com frete. É só arrumar a mobília dentro e vir rolando o cano.

PEDRO

Quer dizer que o trem vai te deixar na porta de casa?

NECO

Vais entrar pelo cano, Deô?

DEOLINDO

Entrar eu já entrei desde que nasci. Eu vou é morar no cano duma vez.

HILÁRIO

Você é que é feliz. Vai morar em casa de alvenaria.

DEOLINDO

Ora! É só a patroa jogar uma cortina nas pontas. Vai ficar um bangalô porreta. Dá até samba.

NECO

E sempre vai ter mais espaço que no meu barraco.

HILÁRIO

Brinca não, rapaz. Tu sabe que tem semana que eu só vejo a molecada dormindo? É, rapaz. A gente chega em casa tarde da noite. Tem que sair a essa hora! É essa merda da Central!

PEDRO

É Central não, velho. É tudo. Esses sacanas vive de botar na alma do pobre.

NECO

E depois tu já viu, né? Chega domingo, tem futebol. Eu não estou a fim de perder. A patroa quer dar umas voltinhas, nem quer saber de jogo. Pronto, lá vem bronca.

PEDRO

Ué. Deixa a patroa comigo que eu consolo.

NECO

Tu não te enxerga, não, é crioulo!

PEDRO

Eu sou o Bléqui-charme falado, deixa comigo!

HILÁRIO

Por isso que outro dia tocaram fogo na estação de Queimados.

NECO

Isso foi em Queimados. Neguinho da linha de Nova Iguaçu é pau duro. Mas essa turma do ramal de Santa Cruz...

PEDRO

São todos uns bunda-suja.

DEOLINDO

Tocar fogo em estação não resolve nada.

HILÁRIO

Num resolve? Vai ver se os trens de lá não estão correndo direitinho no horário.

DEOLINDO

É. Mas só por uma semana. Depois volta tudo a atrasar.

PEDRO

Não sei... Mas pelo menos uma semana endireita. Já é alguma coisa.

HILÁRIO

Se toda vez que atrasasse a gente fizesse um quebra, garanto que endireitava.

DEOLINDO

Besteira. Quem que você pensa que vai pagar a estação nova? É a gente mesmo. Quebra-quebra é bobagem. Arruaça besta.

PEDRO

Ninguém vai pagar conserto nenhum, porque eles não vão consertar nada. Já viu essa turma botar ao menos um vidro em janela de trem? Vai quebrando, vai ficando quebrado e vai da valsa. Quem for tísico que se agüente.

HILÁRIO

Esquece de consertar, mas não esquece de cobrar. E de aumentar as passagens.

DEOLINDO

Pois é. Fica tudo quebrado e a gente mesmo é que agüente. Inda por cima, nem bem passa uma semana e começa tudo que é trem a atrasar de novo. Sem contar com os homens, que fica tudo com cócegas na mão. Doidinho pra baixar o cacete.

NECO

É, velho, então num tem que chiar. É esperar a vida inteira pelo bicho, que mais dia menos dia ele apita na curva e a gente embarca.

HILÁRIO

Pra cidade dos pés juntos. Mas trem que é bom...

NECO

É. É pra lá que a gente vai mesmo.

HILÁRIO

Quem espera sempre alcança.

PEDRO

Quem espera desespera. Eu ainda estou pelo quebra. Arrebetava esta droga que eu queria ver.

DEOLINDO

Besteira, rapaz, besteira. O que podia era todo mundo combinar. Trem começou a atrasar, todo o povo ficava em casa. Ninguém ia trabalhar. Queria ver se não endireitava.

PEDRO

Sei. Endireitava. Ia todo mundo pro olho da rua. Nem precisava mais tomar trem nenhum.

DEOLINDO

Que olho da rua! Não vê que eles precisam da gente? Bota a gente na rua e quem é que vai sujar as mãos de graxa, levar cimento nas costas, assentar tijolo?

HILÁRIO

Tem muito morto de fome aí pra isso. Te garanto.

NECO

Mas até que era legal. E, depois, a gente podia sentar o braço nesses neguinhos.

PEDRO

Tá olhando pra mim por causa de quê, heim?

NECO

É que tu tá sempre no contra. Não gosta nem que se fala.

PEDRO

Porque acho isso burrice. Eu quero ver é ter peito pra quebrar essa joça toda.

NECO

Escuta aqui, ô Fidel Castro de merda. Não tás agradando. Tu já não sentiu que quebra não adianta nada? Depois, quebrar e se mandar não tem macheza nenhuma. Pra agüentar o rojão do não vou é que precisa ser macho. Ou vais querer que eu te explique melhor?

PEDRO

Sai pra lá, meu chapa, sai pra lá. Num encosta não.

NECO

Tás achando ruim, é?

DEOLINDO

Pára com isso, Neco.

NECO

Num vou com esses vaselinas.

PEDRO

Quem é que é vaselina aí, heim?

DEOLINDO

Vamos parar?

HILÁRIO

Ih, gente. Olha o bicho aí.

NECO

É ele mesmo?

PEDRO

É, sim. Não tá vendo o trilho brilhar?

NECO

(Para Pedro) Olha aí, ô chapa. Eu tava brincando.

PEDRO

Tô sabendo. Do contrário tinha levado uma porrada. *(Neco, brincalhão, ameaça uma rasteira em Pedro, que pula pra trás, sorrindo.)* Que é que há, meu irmão. Tou aqui, mas tô de olho vivo! *(Ouve-se o barulho do trem que se aproxima. Apagam-se as luzes.)*

DEOLINDO

Ih, rapaz, inda por cima vem apagado.

PEDRO

Eu não digo. Quebra! *(Riem todos. A cena passa para o interior do trem.)*

VOZ 1

Acende a luz!

VOZ 2

Fica quieto aí, ô palhaço!

VOZ 1

Palhaço é a mãe!

VOZ 2

A tua, seu fresco!

VOZ 3

(Imitando voz de mulher) Tira a mão!

VOZ 4

Aí, tira a mão daí, aí!

JORGE

Cuidado com os assaltantes. Ô fulano! Vai lá, acende a luz!

VOZ 5

Eu, heim, sou besta? Vai você. *(Um passageiro acende um cigarro.)*

NECO

Ôba, podia me dar fogo? *(Encostam os cigarros.)* Obrigado.

JOÃO

De nada. *(Passa o Menino com a lata de amendoins.)*

MENINO

Olha, olha, olha o torradinho aí!

VOZ 1

Tira essa lata pra lá, rapaz. *(Alguém acende outro fósforo por segundos. Jorge é iluminado de costas, em frente a uma das portas, olhando o céu.)*

VOZ 2

(Agora séria) Olha essa mão aí, rapaz! Vai levar uma porrada!

VOZ 4

Mamãe, socorro!

VOZ 1

(Imitando mulher) Não posso! Estou ocupada!

VOZ 4

Vovó?

VOZ 3

Ah, minha netinha, güenta aí. A velhinha também tem direito, não é?

DEOLINDO

Vamos acabar com essa pouca-vergonha. Vocês não tão na zona, não. Aqui tem família!

VOZ 3

Achou ruim é, ô gaiato? *(O trem passa por uma estação. Seu interior é parcialmente iluminado. Deolindo pegou o rapaz pela camisa.)*

DEOLINDO

Achei, sim. E vê se fica quietinho aí.

RAPAZ

Tá bom. Mas vê se me larga, né? *(Deolindo solta o rapaz e vai sentar-se. Ouve-se apenas o barulho do trem. As luzes se acendem de repente.)*

VÁRIOS

Ooooooooooh! Viva! Palmas pra ele que ele merece! *(Alguns batem palmas. As luzes voltam a apagar-se.)*

CENA IV

(Plataforma. Um casal de jovens conversa, sentado no banco.)

BETO

Mas não é muito cedo, não?

MARIINHA

É, não. A gente tem que garantir os primeiros lugar na fila. Só tem vinte vagas.

BETO

Quanto será que vão te pagar?

MARIINHA

Num sei. Salário de menor...

BETO

Quase não dá pra nada.

MARIINHA

Sempre ajuda. O pior é que dura pouco. Passou o Natal, bota a gente tudo pra fora outra vez.

BETO

Se eu tivesse um aumento...

MARIINHA

Você já comprou os saco de cimento que tava faltando?

BETO

Comprei, não. Vou comprar agora, semana que entra. Dinheiro não deu.

MARIINHA

Dinheiro não dá pra nada, não é?

BETO

Não dá mesmo, não.

MARIINHA

Já faltou mais, não é?

BETO

Ah, já. Agora é só levantar essa última parede e pronto.

MARIINHA

Tu já puxou a luz por dentro da parede?

BETO

Já. Tá tudo pronto.

MARIINHA

Falta é rebocar.

BETO

O reboco é que vai ter de esperar, mais a pintura. Senão a gente dorme no chão.

MARIINHA

Quem sabe? Se eu consigo emprego.

BETO

Não. Do teu dinheiro, não.

MARIINHA

Por quê, Beto? Deixa de bobagem.

BETO

Não. Teu dinheiro vai guardando pra comprar roupa pra esse moleque aí. *(Toca carinhosamente na barriga da companheira.)*

MARIINHA

Tira a mão daí! Olha o povo olhando! *(Levanta e olha para os lados.)*

BETO

Que povo? Num tem ninguém. *(Enlaça-a pela cintura e puxa-a para si.)* Tua gente já sabe?

MARIINHA

Deus me livre. Só quem sabe é mamãe. Se pai soubesse, nem sei.

BETO

Nem sabe o quê? A gente não vai se casar?

MARIINHA

Vai, uai.

BETO

E então?

MARIINHA

Mas tu não conhece o pai. Era capaz de te matar.

BETO

Matar nada. O velho é meu chapa.

MARIINHA

Mas é porque ele não sabe que tu me fez mal antes da gente casar, seu safado. Se soubesse...

BETO

Derrubava o puxado que a gente tá fazendo?

MARIINHA

Ih, nem sei. Num queria me ver nem pintada. Você então! Ainda mais com a confiança que tem em ti.

BETO

Pois olha. Eu acho que ele vai descobrir antes do casamento.

MARIINHA

Nem brinca assim. Por quê? *(Desprende-se do rapaz e examina a cintura.)* Eu estou com a cintura muito larga?

BETO

Já tá até de barriga!

MARIINHA

Ah, meu Deus do céu, como é que vai ser?

BETO

(Puxando-a para si) Assim. *(Finge que está comendo a barriga da moça.)* Pronto. Comi a criança toda. Agora o velho não desconfia.

MARIINHA

Ah, seu peste. *(Dá uns socos na cabeça dele, que se defende, rindo.)* Por que não vai assustar a tua mãe?

BETO

Ai, ai, ai. Porque minha mãe é uma senhora direita.

MARIINHA

(Para de brincar e de rir. Fica séria.) Quer dizer que eu não sou, não é? *(Senta-se, chorosa.)* Eu sabia que você ia acabar me jogando na cara.

BETO

(Surpreso) Que foi, Mariinha?

MARIINHA
Nada. Pode deixar.

BETO
Que foi que eu fiz?

MARIINHA
(*Chorando*) Nada.

BETO
Te ofendi? Eu não falei nada.

MARIINHA
Falou, sim.

BETO
Eu?

MARIINHA
Não. Eu.

BETO
O que que eu falei?

MARIINHA
Nada.

BETO
Mariinha. Não fica assim. Que é que eu falei?

MARIINHA
Nada.

BETO
Então por que é que você está chorando?

MARIINHA
De nada. Vontade.

BETO
Eu não falei nada.

MARIINHA
Falou, sim.

BETO
Eu?

MARIINHA
Me chamou de vagabunda.

BETO
Eu, Mariinha?

MARIINHA
É. Você, sim. Mas não faz mal, não. É o castigo de Deus.

BETO
Que castigo, Mariinha? Disse aquilo sem intenção. Você leva tudo a mal.

MARIINHA
Antes levasse. Garanto que não tava assim.

BETO
Se eu te ofendi, desculpa, amorzinho. Não tive intenção.

MARIINHA
Não precisa desculpar, não.

BETO
Mariinha! Mariinha, meu bem, olha pra mim. Você acha que eu ia dizer isso de você?

MARIINHA
Tu falou.

BETO
Você acha que, se eu pensasse isso de você, eu ia agora, todo dia, dar um duro danado depois do trabalho pra levantar um quartinho pra gente no quintal do teu pai, acha?

MARIINHA
Mas você falou.

BETO
Falei nada, Mariinha. Então eu ia dizer uma dessas? Me dá um beijinho, vai.

MARIINHA
Não dou nada.

BETO
Dá...

MARIINHA
Não... (*Beijam-se. No meio do beijo, ela vê o trem que se aproxima. Com muita vivacidade, inteiramente esquecida do choro de há pouco*) Chi, lá vem o nosso trem aí. Levanta, Beto. (*Beija-o de novo. Os dois saem enlaçados para esperar a chegada do trem. De repente, ela volta correndo ao banco.*) Chi, ia esquecendo o meu "Encanto!" Tá com a fotografia do Roberto Carlos! (*Pega uma revista que havia deixado no banco. Os dois tornam a se beijar. As luzes se apagam. A cena passa para o interior do trem.*)

CENA V

(*Um vagão vazio. Deve corresponder ao último vagão do trem e ter, portanto, ao fundo, uma cabine de maquinista.*)

PROSTITUTA
(*Entrando do outro vagão e desvencilhando-se do homem que tenta segurar-lhe o braço.*) Espera, não me agarre assim. (*O homem tenta beijá-la.*) Ih, você é porco! Vamos ali pra cabine. É mais seguro.

ANTÔNIO
Fica aqui mesmo, minha filha.

PROSTITUTA
Não. Vamos na cabine. Dá um azar aí e pega a gente.

ANTÔNIO
Se azarar aqui, vai azarar lá também.

PROSTITUTA
Lá é melhor.

ANTÔNIO
Bem, minha nega. Tá com muito xaveco. Em pé, comigo não vai, não! Você escolhe. Ou deita aqui no banco por bem ou te como aqui, no peito.

PROSTITUTA

(Persuasiva) Meu benzinho. Vamos pra lá, vamos. Lá é fechadinho. Olha aí, o trem pára na estação, a gente no meio do amorzinho, entra um... Vem... *(Acariciando-o)* Vem com a tua neguinha. *(Ele vai se deixando levar.)* Vamos fazer um amorzinho bem gostoso, quer? *(Chegam à porta da cabine. Ela pára de acariciá-lo.)* Quer pagar adiantado, bem?

ANTÔNIO

Ih, mulher, tá muito cheia de xavecagem. Vamos logo, não aporrinha.

PROSTITUTA

Me dá o dinheiro adiantado, benzinho, senão nada feito.

ANTÔNIO

Nada feito o quê, sua vaca? Toma o teu dinheiro. *(Dá-lhe um bofetão e força-a contra a cabine. Ela grita.)*

PROSTITUTA

Não, seu filho da puta, não, ai!

ANTÔNIO

(Batendo sempre) Fica quieta!

PROSTITUTA

Ai, socorro! *(Os dois se agarram furiosamente. Lutam durante alguns segundos, depois ela cede. O trem pára. Beto e Mariinha entram no vagão e, sem reparar em nada, dirigem-se para os carros da frente. De lá entram três malandros que, debochados, abrem passagem para os dois.)*

CICATRIZ

Dê passagem pra princesa!

RUIVO

Já vai embora?

ZICO

Quer tirar um sarro com o Zico Gostoso? *(Beto volta-se.)*

MARIINHA

(Apavorada, segurando-o) Vamos embora, Beto.

CICATRIZ

Faz o que a mocinha diz, menino. Tu já mostrou que é macho. Vai embora que a barra aqui é pesada.

ZICO

(Vai avançar para Beto.) Pera aí, seu merdinha. *(Cicatriz o impede.)*

CICATRIZ

Pera lá, companheiro. Quem manda aqui é o Cica. Deixa eles.

ZICO

Que é que há, ô Cica?

CICATRIZ

Sou escoteiro. É minha boa ação. *(Para Beto)* Vai-

te embora, rapaz. *(Beto e Mariinha saem para o outro vagão, amedrontados.)* Até logo, princesa! *(Procuram assento. Zico senta-se defronte da cabine. Cicatriz fica rindo na passagem de um vagão para o outro e depois vem sentar-se também.)*

ZICO

(Vendo Antônio e Prostituta na cabine. Para Ruivo) Olha lá, Ruivo, aqueles dois.

RUIVO

Eu sabia que a noite hoje dava em sarro. *(Para Cica, que vinha sentando.)* Eu não digo? Olha só. Temos comida pra hoje.

CICATRIZ

É. É só ficar esperando, que o passarinho vem cair na nossa arapuça.

ZICO

Vamos?

RUIVO

Vam'bona. Se o cara se estranhar, leva umas porradas e desembarca no meio das paralelas.

CICATRIZ

Calma, minha gente, vamos apreciar. Depois que o pinta se servir, fica mais macio. Vai sair de lá e vai estar só a fim de livrar a cara. No que se esborracha.

ZICO

Aqui, ó. Vou ficar aqui bestando e o gaiato ali fazendo o dele? Vamos lá, Ruivo. *(Ruivo faz menção de se levantar. Cica puxa a navalha e se coloca entre os dois e a cabine.)*

CICATRIZ

Vamo sentando, calminho. Pra que essa afobação? Passarinho não vai fugir. E se o cara fizer de besta, melhor. A gente come os dois. *(Continua a rir e ameaça os outros, seguro de si.)* Senta, vá! Senta! *(Os dois voltam a sentar-se.)* Isso, meus chapas, isso. A gente já vai chegando lá. *(Antônio e a Prostituta saem da cabine e deparam com os três. A Prostituta se protege atrás de Antônio.)* Gostei de ver, meu irmão.

RUIVO

Trabalhou a contento.

ZICO

Agora vai dividir a sobremesa, não é mesmo, distinto?

ANTÔNIO

(Para Zico, que avançara) Ninguém vai tocar nela, não.

ZICO

(Avançando sempre) Num vai tocar é o... *(Antônio sai de banda e passa um rapa em Zico, que se esparrama no chão. A Prostituta tira o sapato e, enquanto Antônio se mantém de olhos fixos em*

Cica e Ruivo, dá com o salto na cabeça de Zico, que apaga.)

CICATRIZ

Foi bem feito. Ele estava mesmo pedindo.

RUIVO

(Para a Prostituta) Gostei da macheza, minha filha.

CICATRIZ

Uma fêmea dessas foi feita pra Cica. *(Dão um passo à frente.)*

ANTÔNIO

É melhor ficar onde estão.

CICATRIZ

Que é isso, distinto?

RUIVO

Vamos só dar uma metidinha.

CICATRIZ

Vai querer me engrupir que a mina é donzela? *(Riem.)*

PROSTITUTA

(Para Antônio) Deixa. É melhor acabar com isso de uma vez.

ANTÔNIO

Fica aqui.

CICATRIZ

Mas que falta de delicadeza! A mina quer vir e ele não quer deixar. *(Cicatriz e Ruivo dão um passo rápido. Antônio segura-se nas correias de apoio e, impulsionando o corpo, lança os pés nos dois, que se afastam lateralmente e seguram as pernas de Antônio, que fica suspenso no ar.)*

CICATRIZ

Que é isso, meu chapa? Tá querendo bancar o Tarzan? *(A Prostituta avança e leva um tabefe de Cicatriz. Antônio solta uma das mãos, mas é apanhado por um tremendo murro de Ruivo. Solta-se e vai ao chão. Cica dá-lhe uma joelhada. A Prostituta é puxada em seguida por Cica, agora sem violência.)* Vamos, minha filha, vamos duma vez. *(Diz isso sem prepotência na voz. Ela se deixa levar para a cabine. Ruivo senta-se ao lado de Zico e Antônio desmaiados e calmamente espera.)* *(A cena escurece, deixando apenas um foco sobre Antônio, Zico e Ruivo. Fusão para o filme. A câmera deve percorrer vários vagões do trem, focalizando meninos que dormem descalços, um homem maltrapilho, um pretinho que planta bananeira diante das portas abertas do trem, enquanto outro ri um sorriso sem dentes. Corte para uma estação. Tomada do interior do trem em movimento. Um mendigo dorme num banco, homens conversam. A câmera volta ao interior do trem e focaliza agora uma velha mendiga com uma*

criança no colo. Desaparece o filme. Um foco de luz cai sobre um homem gordo, vestido com um desses uniformes de bandinha do interior. Está acarrapachado num dos bancos, inteiramente de porre. Ouve-se música de retreta, subindo aos poucos. O Maestro levanta-se, puxa uma batuta e rege a banda imaginária. Vozes: "O maestro, viva o maestro!" O Maestro dá uma volta como a agradecer, faz uma reverência e torna a cair sobre o banco, as pernas escarrapachadas no meio do caminho. Luz geral.)

PASSAGEIRO

(Que ia passando) Ô maestro! General da banda? *(Para os outros)* Olha só. Tá bêbado que nem gambá. Fez a maior lagoa aí, olha só. *(Passa outro passageiro, que vai pisando na urina.)* Cuidado, meu branco. Tu te afoga nesse Guandu. *(Os outros passageiros riem. O trem dá um solavanco e pára. As portas se movimentam loucamente, abrindo e fechando. O trem volta a andar. A menina que tinha sido focalizada no filme no colo da Velha levanta-se e dirige-se para onde o chão está molhado. Pára, abaixa-se e fica olhando encantada para a urina.)*

VELHA

Judith? Vem cá.

JUDITH

Já vou. *(Judith levanta-se, junta os pés e começa a pular de um lado pra outro da urina. Depois faz o mesmo num pé só.)*

VELHA

Judith? Vem cá. Ah, menina. *(A criança torna a abaixar-se e começa a brincar com o dedo na urina. Passa um vendedor de cocadas. É um rapaz de uns dezenove anos.)*

VENDEDOR

Olha a cocada baiana! Olha a cocada baiana! *(Dois camponeses estão sentados. São dois velhos.)*

CAMPONÊS 1

Quanto é?

VENDEDOR

Duzenticinqüenta.

CAMPONÊS 1

Cinqüenta?

VENDEDOR

É.

CAMPONÊS 1

Me dá uma. *(O rapaz dá a cocada. Camponês 1 oferece a Camponês 2.)* O senhor quer?

CAMPONÊS 2

Um pedacinho, aceito.

CAMPONÊS 1

(Pagando com uma nota de cinqüenta) Toma, moço.

VENDEDOR

(Sem apanhar o dinheiro) Aí tá faltando.

CAMPONÊS 1

Tá faltando? Faltando o quê?

VENDEDOR

Duzentos cruzeiros.

CAMPONÊS 1

Mas não era cinqüenta? Tá certo.

VENDEDOR

(Grosseiro) Eu disse duzentos e cinqüenta. Falta duzentos.

CAMPONÊS 1

Duzentos e cinqüenta?

VENDEDOR

Não sou relógio de repetição. *(A cocada ainda está intacta.)*

CAMPONÊS 1

Eu ouvi cinqüenta. Desculpe, então não quero, não. O dinheiro não dá. O senhor desculpe. Obrigado. *(Devolve a cocada.)*

VENDEDOR

(Pega a cocada com raiva.) Agora não presta mais. Qual o freguês que vai comer essa porcaria? *(Joga a cocada inteira pela janela e sai.)*

CAMPONÊS 1

(Surpreso e magoado) Eu entendi cinqüenta. *(Fala baixo, olhando para cima, na direção do vendedor, que se afasta. Volta-se, desconsolado, para o outro.)* O senhor não entendeu cinqüenta?

CAMPONÊS 2

É, eu também entendi cinqüenta.

CAMPONÊS 1

(Voltando-se para João, que está sentado perto dele) O senhor, moço, não entendeu cinqüenta também? Não foi? Ele pensou que eu queria tapear. Ele não disse cinqüenta?

JOÃO

Disse sim, eu ouvi bem.

CAMPONÊS 1

Pois é. Vosmicê ouviu. Vosmicê também. Eu também ouvi. Pra mim era cinqüenta. Se eu tivesse ouvido outro preço, não ia pedir a cocada só pra sujar. Eu entendi cinqüenta. Se fosse mais, eu não ia pedir. Pra quê? Não tenho a intenção de prejudicar ninguém. Nunca prejudiquei ninguém em toda a minha vida. Eu sou pobre, mas graças a Deus vivo do que é meu. Sem prejudicar os outros. Não ia querer prejudicar o rapaz também. Pra quê? Agora jogou a cocada fora. A culpa não foi minha. Jogou a cocada fora. Pela janela do trem. Mas tava limpinha. Não precisava jogar fora. A culpa não foi minha. Ele não disse cinqüenta? Vosmicê não ouviu?

CAMPONÊS 2

É, disse sim.

CAMPONÊS 1

Pois é. Então... por que é que ele fez isso?

VELHA

(Gritando) Judith, o que é isso que você tá fazendo?

JUDITH

Tou escrevendo um desenho.

JOÃO

(Aproximando-se e acocorando-se junto à garota) Você sabe que essa água é suja, Judith?

VELHA

(Falando alto para os outros passageiros) Pronto. Arranjou amizade. É danada pra arranjar amizade, essa menina.

JUDITH

(Levanta-se, rindo, e corre para a Velha.) Mamãe, o moço tá pensando que o xixi do velho é água. *(Rindo, enfia a cabeça no regaço da Velha. João fica de pé, sem jeito. Judith tira a cabeça. Olha para o rapaz, cai outra vez na gargalhada e torna a enfiar a cabeça no colo da Velha. João agora ri também, meio sem graça. A mulher dele não pode conter o riso. Ele acaba rindo de novo, espontaneamente agora, e volta a sentar-se. O velho camponês matuta. O trem pára. Zé, sempre inclinado. Entra no trem um homem muito claro e alto, levando debaixo do braço uma bíblia e na mão uma pasta. A luz diminui até focalizar apenas o novo passageiro, que abre a bíblia e começa a lê-la em voz baixa, quase murmurando. Não obstante, sua voz domina a cena.)*

BEATO

Se profeta ou sonhador
te convida com sinais e prodígios
a que abandones o teu Deus
— não o seguirás.

Não ouvirás aquele profeta
porque o vosso Deus vos prova
e o sonhador de sonhos morrerá,
pois falou rebeldia contra o senhor vosso Deus.
(O barulho das rodas do trem volta a dominar a cena por alguns segundos. Apagam-se as luzes.)

CENA VI

(Estação. Vários passageiros na plataforma. No primeiro plano, uma borboleta. Ouve-se o barulho do trem. Três passageiros apressados.)

HOMEM

(Na borboleta) Tira três aqui, moço. Depressa que o trem tá vindo aí.

BILHETEIRO

Tem tempo. O trem fica parado aqui mais de dois minutos.

MULHER

(Logo atrás) Depressa, moço. Parece uma lesma! *(O Bilheteiro faz o troco. O Homem e a Mulher passam. Sua filha, que vinha atrás, é impedida de passar pelo Bilheteiro, que tranca a borboleta.)*

SILVIA

Deixe passar, moço.

BILHETEIRO

Não vai sair comigo, belezinha? Deixa os coroaos pra lá.

SILVIA

O senhor quer fazer o favor de me deixa passar?

HOMEM

(Já no meio da plataforma) Vamos, Sílvia. Olha o trem, criatura.

BILHETEIRO

Fica aqui, Silvinha, fica. Eu vou te ensinar uma porção de coisas gostosas.

SILVIA

Me deixe passar, seu desavergonhado. Olha que eu faço um escândalo aqui. *(O Bilheteiro ri. A mãe de Sílvia volta ao ouvir a filha levantar a voz. Vem com as mãos nas cadeiras, olhando de banda para o guichê.)* Vai me deixar passar ou não vai?

BILHETEIRO

Tá bom, meu doce de coco, minha boazuda. Vai, vai, você ainda não sabe o que é bom, gostozinha do papai. Se quiser, eu estou às suas ordens. *(Mete a mão pelo guichê e apalpa a moça antes que ela passe.)*

SILVIA

Sai pra lá, seu desgraçado. *(A mãe, que estava observando, agarra a mão do Bilheteiro e torce-a violentamente.)*

MULHER

Olha aqui, sujeitinho, tu vai abusar da tua mãe, ouviu bem, seu descarado?

BILHETEIRO

Aaiii! Larga a minha mão, sua puta velha!

HOMEM

(Do meio da plataforma) Olha o trem, olha o trem! Que é que vocês estão fazendo aí? Mas que gente mais mole!

MULHER

Também tu só pensa na droga desse trem! O sem-vergonha abusando da gente e você não vê nada.

HOMEM

Abusando? Quem foi que abusou? De quem que ele abusou? Que sem-vergonha?

SILVIA

Foi aquele desgraçado ali, que me prendeu na borboleta pra me propor imoralidade.

HOMEM

Prendeu o quê? Prendeu quem? Que foi que ele disse? Como é que é? Sem-vergonhice? Pra quem? Pra ti? E você disse que sim? Você ouviu?

SILVIA

Eu tinha que ouvir. E ainda por cima me passou a mão.

HOMEM

Ah, ouviu? Deu confiança? Passou o quê? A mão? Onde é que ele passou? Por cima? Foi por cima ou por baixo? Ah, sua desavergonhada! Toma!

MULHER

Não bate na menina, desgraçado!

HOMEM

Pois tem que apanhar.

MULHER

E apanhar por quê, sua besta?

HOMEM

Pra deixar de dar confiança a qualquer um.

SILVIA

(Chorando) E quem é que deu confiança a ninguém, papai?

MULHER

Seu estúpido!

HOMEM

Ué! Então ela não deu?

MULHER

Deu o quê?

HOMEM

Eu sei lá o quê!

MULHER

Que deu nada. E você não conhece a filha que tem, seu palerma?

HOMEM

Conheço: por isso mesmo!

MULHER

E tua filha lá dá confiança a qualquer um?

HOMEM

O quê? Não dá não? Não dá mais não? Então quem deu? Foi você?

MULHER

Mas deixa de ser burro! Ninguém deu confiança nenhuma!

HOMEM

Ah, bem, muito bem. Agora entendi. Se não deu confiança, está bem. Tá bem. Saiu ao pai. Foi assim que eu ensinei. É isso mesmo.

MULHER

É isso como? E vai ficar assim?

HOMEM

Assim? Assim como? Está bem. Ela não deu confiança. Pode ficar assim. Está certo. Olha, o trem tá chegando.

MULHER

Que certo, homem?

HOMEM

Retiro o tapa, pronto.

MULHER

E aquele miserável abusa da gente como quer e você diz que está certo? E ainda por cima bate na menina?

HOMEM

Abusar? Abusou de quem? De você? Quem foi que abusou?

MULHER

O bilheteiro, homem de Deus, o bilheteiro. Quem é que pode prender a gente na borboleta?

HOMEM

Na borboleta? O bilheteiro? Espera aí. *(Vai entrando bilheteria adentro. Começa uma discussão. Um guarda, que estava nas proximidades, corre para a bilheteria. De lá saem a seguir os três. O Guarda, pensando tratar-se de um assalto, desce o cacete no Homem. O Bilheteiro vem atrás do Guarda, protegendo-se. O Homem tenta se explicar.)* Pera aí, seu guarda. É um mal-entendido. Eu... *(As mulheres correm em seu socorro. Os demais passageiros aproximam-se para ver a briga.)*

MULHER

Larga o meu marido, miserável!

SILVIA

(Avançando para cima do Guarda) Deixa o meu pai.

MULHER

(Ao Guarda) Pra que que você existe, heim? Devia era estar dando uma lição nesse desavergonhado que tá escondido atrás de ti, sua besta.

GUARDA

Escuta aqui, minha senhora, a autoridade aqui sou eu. Não admito o desacato.

MULHER

Que não admite o quê! Vocês são tudo da mesma laia!

BILHETEIRO

Baixa o cacete neles! Baixa o cacete neles!

SILVIA

Ô seu filho da mãe. *(Avança para o Bilheteiro.)*

GUARDA

Pára com isso, moça. *(Segura-a pelo braço.)*

MULHER

Larga a minha filha!

HOMEM

Segurou? Quem foi? O bilheteiro? Sai da frente, seu guarda.

GUARDA

Ah, é assim, não é? *(Começa a baixar o pau indiscriminadamente. A Mulher, que trazia seu guarda-chuva, quebra-o na cabeça do Guarda. A moça se atraca com o Bilheteiro. O Homem esmurra-o e leva pancadas do Guarda. Os outros passageiros intervêm.)*

PASSAGEIRO 1

Ei, ei, ei, o que é isso?

GUARDA

O que é o quê?

PASSAGEIRO 1

O senhor não pode ir batendo assim, não.

PASSAGEIRO 2

Não pode não.

GUARDA

Eu bato como quiser. Sou a autoridade e tá acabado.

PASSAGEIRO 2

É, mas não pode ir metendo o pau, não.

PASSAGEIRO 1

Não pode mesmo, não.

MULHER

Esses caras são assim mesmo, não prestam pra nada.

GUARDA

Minha senhora, a senhora não desacata.

PASSAGEIRO 3

Ela está certa.

PASSAGEIRO 1

Tá pensando o quê, heim?

SILVIA

Deixa pra lá, gente. Já acabou. Deixa pra lá. Vem, papai. Vem, mamãe. Olha, o trem já vem chegando.

PASSAGEIRO 2

Épa, vem mesmo, gente. Lá vem o trem!

PASSAGEIRO 3

Olha o bicho aí.

HOMEM

Até que enfim.

PASSAGEIRO 2

E vem que vem tihoso.

PASSAGEIRO 3

Viva!

PASSAGEIRO 2

Viva ele!

TODOS

Vivaaaa! *(O trem passa direto pela estação, surpreendendo os passageiros.)*

PASSAGEIRO 2

Ei, ei, ei!

HOMEM

Ué, porra, não vai parar, não?

PASSAGEIRO 1

Que filho da mãe, olha só, passou direto!

TODOS

Passa, filho da mãe, passa desgraçado! Seu putolo! Mas que merda é essa? (*Apagam-se as luzes. Barulho ensurdecedor de trem.*)

SEGUNDO ATO

(*Interior do trem*)

PEDRO

Engraçado, rapaz. Você já reparou que o trem tá indo direto?

HILÁRIO

Direto como?

PEDRO

Direto, ora. Como é que o trem vai direto, inteligente? Tá passando sem parar nas estações. Já é a terceira que passa sem nem diminuir a velocidade.

HILÁRIO

Vai ver tá descontando o atraso.

PEDRO

Mas devia ter parado ao menos em Bangu, não é? O trem não é parador? Tem gente que tem que saltar, porra. Vão ter que ir até D. Pedro?

DEOLINDO

Eu também já reparei. Não sei, mas não tou gostando disso, não. Esse trem tá correndo esquisito.

JOÃO

Será que o maquinista está dormindo?

HILÁRIO

É bem capaz.

PEDRO

Não paga dez.

BETO

Não é melhor dar uma olhada?

DEOLINDO

É, sim. Vamos lá. (*Levantam-se Deolindo, Beto, Pedro e Hilário. Vão até a cabine.*)

MARIINHA

O que foi, Beto?

BETO

Nada, meu bem. Acho que o maquinista adormeceu.

MARIINHA

Por quê?

BETO

O trem tá correndo pra burro e passando direto nas estações.

MARIINHA

Ai, meu Deus do céu.

BETO

Não é nada, meu bem.

ZÉ

Não adianta olhar nada. Eu tou aqui olhando e falando desde que cheguei. Tou falando. Ninguém quer me ouvir. Não adianta olhar, esse trem não tem maquinista droga nenhuma.

ZEFA

Fica quieto, aí! Tá com a cara cheia. Onde já se viu trem sem maquinista?

ZÉ

Nos States, ora.

DEOLINDO

O bêbado tem razão, gente. O trem tá sem maquinista.

JOÃO

Vamos entrar na cabine. Força a porta que está trancada.

NECO

Deixa que eu ajudo.

ZÉ

Olha aí. Quem foi que me chamou de bêbado?

ZEFA

Fica quieto!

HILÁRIO

Pedro, vai lá e puxa o freio de emergência. (*Pedro vai até o fundo do vagão, enquanto os outros arrombam a porta da cabine.*)

VOZ 1

O que é, heim?

VOZ 2

Tá dormindo o homem?

VOZ 3

Pior. Não tem maquinista.

VOZ 1

Porra, não tem maquinista?

VOZ 2

Essa não.

VOZ 4

Então pára o trem. (*Alto*) Puxa o freio aí, seu.

VOZ 1

Será que o homem foi lá pra trás?

VOZ 2

E deixou o trem solto?

DEOLINDO

(*Gritando*) Pedro, puxa logo o freio de emergência. O daqui não obedece.

PEDRO

(Do fundo do vagão) Já puxei. Não adiantou nada.

JORGE

(Em voz alta) Ih, compadre. Acho que o trem vai bater.

VOZ 2

A gente quer sair daqui.

VOZ 1

Vai bater.

HILÁRIO

Vamos ver o que se pode fazer.

NECO

Não tem que afobar.

(Começa a se estabelecer o pânico. O grupo de Deolindo tenta impedir que alguns se atirem do trem em alta velocidade.)

MAESTRO

(Trepado num banco) Vai todo mundo se afogar no mictório!

(Black-out. Na escuridão, o barulho aumenta. Voltam as luzes. Estamos na estação em que terminou o primeiro ato. Os passageiros, agora revoltados com o fato de o trem ter passado direto dão pescoções no Guarda e no Bilheteiro, que se defendem como podem.)

BILHETEIRO

Eu não tenho culpa, gente.

PASSAGEIRO 1

Não tem, uma ova.

PASSAGEIRO 2

Vocês já fazem de propósito.

PASSAGEIRO 3

Tá tudo combinado.

MULHER

Só servem pra abusar dos outros.

PASSAGEIRO 2

Só serve pra sacanear a gente.

PASSAGEIRO 1

Desaforo, esculhambação.

PASSAGEIRO 3

Fica a gente aqui a vida inteira e essa merda, quando vem, passa direto.

BILHETEIRO

Ele tinha ordem pra parar, gente. Olha lá, o sinal ainda tá fechado. Ele avançou o sinal.

GUARDA 2

Vocês vão pagar por isso.

PASSAGEIRO 1

Fica quieto aí, você também. Pagar é o cacete.

PASSAGEIRO 3

Tem é que acabar com essa esculhambação. Pensa que a gente é o quê?

BILHETEIRO

Vê se vocês ouvem, gente. Tem que avisar pras outras estações.

PASSAGEIRO 1

Avisar o quê?

BILHETEIRO

Tá acontecendo alguma coisa, gente. Isso não é normal. Esse trem vai acabar batendo. Vai morrer todo mundo. É a terceira estação que tinha de parar e passa direto.

PASSAGEIRO 2

Tá dizendo a verdade, homem?

BILHETEIRO

Pois vocês não tão vendo o sinal fechado? Me solta, gente. Eu tenho que comunicar pras outras estações. Vem trem subindo na mesma linha. Tem que avisar pra desviar tudo. Senão vai morrer muita gente.

PASSAGEIRO 1

Solta eles. *(Os passageiros soltam o Bilheteiro e o Guarda, que correm pra bilheteria. Corte para o filme. Não no telégrafo. No telefone. Rotativa de jornais. Multidões nas estações. Em volta de jornais. Em volta das bancas, por toda a cidade. Desaparece o filme. Corta para o trem.)*

VOZES

Socorro! A gente vai morrer aqui dentro!

Socorro!

DEOLINDO

Calma, calma!

PEDRO

Não adianta apavorar.

VELHA

Judith? Vem cá, menina!

VOZES

Pelo amor de Deus! Socorro! Acudam!

BEATO

(Sobrepondo-se às outras vozes) Oh, Deus misericordioso!

NECO

É preciso calma. Senão não se pode fazer nada.

HILÁRIO

Gritar e correr não adianta.

BEATO

Declara os que são culpados, culpados...

JOÃO

Não adianta nada.

MARIINHA

Beto, vem cá, Beto!

BEATO

E os que são inocentes de culpa, declara-os inocentes, ó Deus.

HILÁRIO

Tem calma. Tem calma.

NECO

Não adianta ninguém gritar.

MARIINHA

Ai, Beto. *(Chora histericamente.)*

VOZES

Pelo amor de Deus, socorro! Não adianta. Vai tudo morrer. Vamos saltar. Socorro, minha mãezinha!

MAESTRO

Vai tudo morrer no mictório.

VOZES

Socorro! Misericórdia!

BETO

Tem calma, Mariinha. Se controla.

DEOLINDO

Pedro mais Neco. Vão por todo o trem procurar os freios de emergência. Vê se algum funciona. A gente fica segurando esse pessoal! *(Neco e Pedro saem. Deolindo sobe num banco.)* Olha, gente, vocês precisam parar com essa correria. Nós vamos ver o que se pode fazer.

PEDRO

Correndo e berrando só atrapalha, só serve pra atrapalhar.

JORGE

É, gente. Eu acho que quem sabe não dava pra gente pular.

PEDRO

Você tá maluco, rapaz?

JOÃO

Nessa velocidade?

JORGE

A gente tem que pular, compadre.

PEDRO

Não dá pra pular.

DEOLINDO

Mesmo que desse.

HILÁRIO

Pular pra quê?

JORGE

(Fora de si) Pular, sim. Eu vou pular.

BEATO

E aos culpados, ó Deus de misericórdia...

JORGE

Vou saltar, sim.

JOÃO

Não faz besteira.

HILÁRIO

Quer morrer?

BEATO

Lança-os fora por causa da multidão das suas transgressões.

JORGE

Eu vou saltar, compadre. Pra avisar as estações. Pra salvar todo mundo. Eu vou saltar. *(Corre para a porta. João se atraca com ele, mas Jorge consegue desvencilhar-se. Pedro dá-lhe um murro. Ele cai, torna a se levantar e atira-se para a outra porta aberta.)* Eu vou saltar, vou saltar. *(Tropeça em Judith, que brincava na urina e é projetada para fora do trem, enquanto Jorge cai ao chão. Na sua mão fica um pedaço do vestido da menina. Hilário consegue imobilizá-lo.)*

BEATO

E que no horror e no desespero encontrem a expiação dos seus pecados.

JORGE

(Olhando apalermado para o pedaço de vestido) Ela caiu.

HILÁRIO

Seu filho da puta! Viu o que você fez? *(Começa a esmurrar Jorge.)* Toma, toma, toma...

NECO

Pára com isso, Hilário! Você vai matar o rapaz.

HILÁRIO

E a menina não morreu? Não morreu?

DEOLINDO

Pára, Hilário, a culpa não é dele!

HILÁRIO

Eu te mato, miserável, eu te mato. *(Começa a chorar e esmurrar, impotente, o chão.)*

DEOLINDO

(Contido) Pára, Hilário. Ainda tem muita criança nesse trem. A gente tem que pensar nelas. Senão elas vão morrer também. E nós todos vamos morrer juntos. A gente precisa se acalmar. Ter a cabeça fria.

JORGE

(Apalermado) Ela caiu. *(Fica de joelhos, com o pedaço de pano entre as mãos e repetindo as frases que se seguem até o final da peça.)* Não foi culpa minha, num é, compadre? Ela tava aí. Eu num vi. Depois que eu vi. Ela caiu. Acho que ela vai avisar. *(Fala e olha com ar desamparado.)*

BEATO

(Gritando) Lança-os fora por sua iniquidade...

HILÁRIO

(Berrando para o Beato) Pára com isso, seu filho da puta. *(Faz-se súbito silêncio. Beato olha para Hilário. Pedro e Neco voltam.)*

PEDRO

Deô, nada feito. Acho que tá tudo enguiçado. *(Os passageiros aglomeram-se em volta dos dois. O Beato olha fixo. Silêncio. Alguns se deslocam para perto do Beato. Outros para as portas e janelas. As*

falas seguintes devem ser lentas, tendo como fundo o ruído do trem. Jorge faz o pedaço de vestido de Judith flutuar e olha para ele fascinado, repetindo suas falas.)

VELHA
Judith, vem cá, Judith. Essa menina. *(Pausa longa)*

CAMPONÊS 1
A cocada. Não foi culpa minha. Eu ouvi cinqüenta.

JORGE
Ela caiu. Eu num vi.

MENINO
Embalhé. Doce de leite Embalhé.

MAESTRO
Um mictório é um mictório.

CAMPONÊS 2
Se num adianta, num adianta. O que tiver de acontecer acontece.

MARIINHA
(Começa a chorar. É um choro longo, que se mistura ao silêncio, às falas esparsas e ao barulho das rodas do trem. De repente, um outro trem cruza, o ruído das rodas aumenta brutalmente, misturado a um apito. O pânico volta a se estabelecer. Muitos passageiros se atiram no chão.)

VOZES
Socorro! Meu Deus! Minha Nossa Senhora de Fátima! Minha Santa Rita! Acudam!

MARIINHA
A gente vai morrer, Beto. É castigo!

BEATO
Castigo! Castigo! Pois se aborreceram das tuas obras. Lança-os fora, pois se rebelaram contra ti.

JOÃO
A gente tem de parar esse trem de qualquer jeito.

HILÁRIO
Vamos experimentar todos os freios de novo.

DEOLINDO
É. Quem sabe dá certo dessa vez. Você e o Neco tentam lá atrás, no último carro. Pedro! Você e o Hilário tentam no terceiro. Eu vou tentar na cabine da frente de novo. *(Para João e Beto)* Vocês vêm comigo.

JOÃO E BETO
Vamos, vamos sim. *(Todos se movimentam. O Beato começa a falar. Suavemente, agora.)*

BEATO
Castigo para os que se rebelaram contra ti. Eis que o momento da justiça é chegado. Cresceu o ímpio como a erva daninha, que no crepúsculo ilude a foice do segador. Mas a flor noturna da iniquidade cedo receberá em suas pétalas

o beijo ardente do orvalho.
E eis que perecerá, e com ela teus inimigos,
pois suas pétalas serão abrasadas
e seus gemidos dispersos pelos ventos.
E deles não restará memória
nem testemunho haverá de sua passagem.
Mas os que me seguem,
estes entrarão pela porta da frente em tua casa
e estarão diante da tua face e por ti serão vistos
e poderão te ver sem que lhes cegues os olhos,
pois a ti favorecem, reconhecendo em meus lábios
as tuas palavras.

E com elas são conformes
e nelas encontram guarida.

(Alguns passageiros começam a se ajoelhar em volta do Beato e a orar. A reza lentamente vai se transformando em um canto de procissão. A litania continua. Corte para o filme. Panorâmica de uma grande procissão com o andor da Virgem. A câmera se aproxima do rosto, que toma toda a tela. Corte para a fachada de uma igreja. Corte para detalhes do interior: rostos, pés de santos, mãos, altares barrocos. A música se mistura ao "Messias" de Haendel e a pontos de macumba. Panorâmica da cidade. Pessoas se deslocando nas ruas. Corte para o mar. Corte para uma cerimônia de candomblé no dia de São Silvestre. Um beato que prega na Avenida Copacabana em meio ao ruído dos transeuntes, Parada militar. Central do Brasil. Desaparece o filme. A música se transforma de novo na litania dos fiéis, agora distante. A cena passa para o último vagão. A Prostituta sai da cabine, seguida por Cica.)

RUIVO
(Puxando-a) Vamos nós, minha filha.

CICATRIZ
(Ao Ruivo) Que barulho é esse?

RUIVO
Sei lá. Vai ver algum pau lá na frente.

CICATRIZ
Parece mais cantoria de procissão.

RUIVO
Agora parece. Vai ver é algum beato.

CICATRIZ
Esse cara vai acabar acordando todo o trem e melando o trabalho da gente.

RUIVO
Vamos, minha filha. *(Leva a Prostituta para a cabine. Cica vai observar a passagem do vagão. Depois vai até onde Antônio está caído, segura-o pelos braços e coloca-o no banco.)*

CICATRIZ
Vamos lá, meu camaradinho. Te arruma aí nesse banco que vem uns otários. Não pega bem tu

ficar estirado na passagem. Vão pensar que andou levando um corretivo. *(Coloca Zico no banco também. Entram no carro João e Neco. Abrem uma portinhola e puxam o freio de emergência.)*

NECO

Não adianta. Não funciona mesmo.

JOÃO

Vamos tentar na cabine.

CICATRIZ

(Colocando-se na passagem) Vão a algum lugar?

JOÃO

Vamos, sim. Por quê?

CICATRIZ

Posso saber aonde é?

NECO

Ora, não amola, rapaz. *(Vai passar.)*

CICATRIZ

(Puxando a navalha) Já não ouviu perguntar aonde é que vão?

NECO

Vai fazer gracinha, é?

CICATRIZ

O nome do jogo é você que escolhe.

JOÃO

Fica quieto, Neco. É assalto.

CICATRIZ

Por enquanto eu não tou assaltando ninguém. Só quero saber aonde é que vão.

NECO

Escuta, velho. A gente tem que parar o trem.

CICATRIZ

O freio de emergência é ali, meu chapa.

JOÃO

Não funciona. Nós já puxamos, não funciona.

CICATRIZ

Então espera chegar na estação. Na estação o maquinista costuma parar o trem.

NECO

Deixa a gente passar, seu. O trem tá correndo doido, sem maquinista. Pode matar todo mundo. Deixa a gente passar. Pelo amor que tem à tua mãe.

CICATRIZ

Deixa a velha em paz. *(Chama.)* Ruivo, vem cá. *(Mais alto)* Ruivo, vem cá.

RUIVO

(Sai da cabine ajeitando a roupa.) O que é que há, meu irmão? Pensa que eu sou galo? Que é isso aí? Já é freguesia pra mina?

CICATRIZ

Não. Diz que o trem desembestou. Vão entrar na cabine pra tentar parar. Agora pode passar. *(Os outros vão correndo para a cabine.)*

CICATRIZ

(Para o Ruivo) Olha, velho, pelo jeito essa merda vai se estourar já, já.

RUIVO

Mas o que que há?

CICATRIZ

Tu é burro, heim? Não ouviu, não? *(Saem João e Neco da cabine. No mesmo instante, entra Deolindo com os outros, vindos da frente.)*

DEOLINDO

Como é que é?

NECO

Nada.

DEOLINDO

Então não adianta mesmo. A gente tem que dar outro jeito.

JOÃO

Não vejo qual.

NECO

Acho que só tem é que esperar. Ou pular, como queria o Jorge. Vai ver ele tinha razão.

CICATRIZ

Ruivo, na primeira a gente se manda dessa joça.

RUIVO

Vamos garantir o leite das crianças. *(Cicatriz puxa a navalha e Ruivo, o revólver.)*

CICATRIZ

Já que vocês estão dispostos a enfiar o paletó de madeira, a erva fica melhor na nossa manjedoura, né?

RUIVO

Vão passando as infieis, antes que me zangue. *(Mete as mãos nos operários, tirando-lhes as carteiras.)*

CICATRIZ

E é bom ninguém piscar o olho de mau jeito que eu inauguro logo uma avenida.

RUIVO

E já viu que a maquininha aqui tem medalha automática. Vai tudo desfilar condecorado se eu cortar a fita. Que nem marechal em dia de parada!

(Não perceberam os movimentos da Prostituta e de Antônio, que se havia recuperado. Ela dá uma sapatada na mão de Ruivo, que atira a esmo e em seguida cai, apanhado por um rapa de Antônio. Neco aproveita e apanha o revólver. Beto avança para Cicatriz, mas é derrubado com uma pernada. Cicatriz dá um salto felino para trás, evitando ao mesmo tempo Deolindo e João e ameaçando com a navalha. Hilário imobilizou Ruivo, que ainda leva um pontapé na cara dado por Antônio e desmaia.)

CICATRIZ

Eeeeeepa! Pera lá, meu irmão. *(Para Neco)* Vai atirar? Besteira. *(Ameaça com a navalha.)* Atira, não! *(Antônio avança. Cicatriz, rápido, sai de lado e passa-lhe a navalha na barriga. Neco atira, o revólver falha. Cicatriz pula, rindo, em cima de um dos bancos. Para Neco)* Não adianta cutucar, meu chapa. Só tinha um pintassilgo na gaiola. E o assustado deixou fugir. Tu não viu? Saiu voando agorinha mesmo. *(Para Antônio, que é amparado pela Prostituta)* Esse aí tava pedindo. Como é que é? Ninguém mais quer se mexer? Tá todo mundo com medinho de morrer? Mas vai morrer! Porque o trem não vai parar e ninguém vai ter peito de saltar dele andando. Me dá até vontade de rir. Vocês passam a vida esperando pela morte dentro dessa geringonça. Esse trem não pára, seus bestas. Tá sempre andando com vocês. Vocês pensam que entram e saem dele todo dia, mas estão enganados! Vocês já nasceram aqui dentro. E tão sempre nascendo pra encher essa lata velha que carrega vocês. *(Ri.)* Vocês tão sempre resmungando que essa lata não presta, tá sempre atrasada e isso e aquilo, mas tão só enchendo a lata, nascendo e enchendo ela com a cara de vocês, com a covardia de vocês, o suor fedorento e a merda de vocês. Até que um dia ela arrebenta.! E vocês resmungando da porra do atraso. Seus merdas. Esse trem não tem que obedecer horário nenhum. Não sabem disso? Não sabem? Aqui dentro num tem tempo. Que que vocês são: tu é pedreiro, velho? Constrói casa, edifício, constrói? Constrói merda nenhuma. Tu nunca saiu daqui. Tuas paredes são essas. Tu levantou elas e elas te fecharam. Sai daqui, pedreiro, sai. Sai nada, pensa que sai. Num pensa que é saltando direitinho nas estações que você se livra das paredes, não. Elas vão atrás de ti. Lugar de macho na briga é brigando dentro dela pra sair com a vida nos dentes. Tem que furar caminho. Saltar do trem em movimento.

DEOLINDO

Quem salta do trem andando tá é caindo fora da briga, não tá brigando ela.

CICATRIZ

Tu é besta!

DEOLINDO

Sou não, sou gente. Não sei se fui eu quem levantou essas paredes, mas sei que foi um como eu que levantou. E outro como eu que fez essa máquina, e outro botou pra andar. E se ela desembestou é que tá faltando um de nós pra controlar. Por isso ela tá correndo para a morte.

Que nem você. Que briga muito, mas só briga no caminho errado.

CICATRIZ

Tu é besta mesmo. E fecha essa latrina se não quer que te retalhe. *(Para a Prostituta)* Quer vir comigo, minha filha? Então fica, sua puta velha. Se arrebenta também junto com eles. *(Salta do trem. Ouve-se o seu grito.)* Atira! Atira pra matar, seus cachorros! Mas eu levo um pro inferno comigo. *(Juntamente com os gritos, inicia-se um tiroteio. Corte para a tela. Projeção de fotografias de Cara de Cavalo e outros bandidos fuzilados pela polícia. Projeção de manchetes de jornais e revistas, referentes aos bandidos. Os tiros continuam sempre. Acendem-se luzes no primeiro vagão. Desaparecem os tiros e a projeção.)*

BEATO

Eu sou a luz que desceu ao coração endurecido do mundo.

Vinde a mim os que sois exaustos e oprimidos. Aprendei de mim a humildade e mansidão.

Tomai sobre vós o meu jugo,
pois que o meu fardo é leve
e esta viagem sem fim.

Mas nela encontrareis o esquecimento do vosso corpo
e a glorificação para as vossas almas.

Eis que o meu jogo é suave.

(Mariinha, à medida que o Beato fala, levanta para ele os olhos como que iluminada. Depois atira-se aos seus pés e, chorando, abraça-lhe as pernas.)

MARIINHA

Perdão, meu paizinho, eu pequei contra Deus. Mas eu não quero morrer.

BEATO

Os que me seguem serão perdoados pelo Senhor.

MARIINHA

(Chorando histericamente) Mas eu não quero morrer, não quero morrer. *(Alguns começam a gritar, desesperados: "Eu não quero morrer". Repete-se o grito de Cicatriz. Corte para a tela. A câmera passa rapidamente pelos vagões. Corte para o fotograma de um homem inteiramente arrebatado no meio dos dormentes. É Cicatriz. A câmera corre sobre a linha férrea. Fotograma de Judith. Corte para Jorge, girando com a roupa de Judith como se fosse um standarte. Corte para o último carro. A Prostituta, com as mãos no rosto, grita, aterrorizada.)*

JOÃO

Calma, moça, calma.

DEOLINDO

Pra ele não tinha mais nenhuma saída.

BETO
O que a gente vai fazer?

DEOLINDO
Acho que só tem uma solução. Trazer todo mundo pra cá e tentar desligar esse carro do resto da composição. Os ferros que apóiam as correntes das passagens dos vagões podem servir de alavanca.

NECO
É muito difícil, isso.

DEOLINDO
Eu sei. Mas a gente tem que tentar alguma coisa.

PEDRO
Vamos lá, gente.

HILÁRIO
Vamos.

BETO
Vamos chamar o pessoal que está lá na frente.

DEOLINDO
Vamos. *(Para João e Neco)* Vocês ficam tirando os ferros. E vocês dois ajudam a gente a convencer o pessoal e a acordar a turma dos outros carros.

JOÃO
Vamos lá.

(Apagam-se as luzes. Corte para a tela. A câmera avança por dentro dos diversos vagões, percorrendo todo o trem, do último ao primeiro carro. A princípio lentamente, parando em detalhes de portas abertas, janelas quebradas, ventiladores sem pás, homens e crianças dormindo nos bancos. Depois vai acelerando sua marcha até que a imagem se transforme numa massa cinzenta, disforme. Corte. Sai tela. A luz acende no primeiro carro.)

BEATO
(Reza com inúmeros passageiros ajoelhados à sua volta. Os operários entram no vagão.)

DEOLINDO
Vam'bora, gente. Vamos todos lá pro último carro.

BETO
Vamos, Mariinha, vamos lá pra trás.

MARIINHA
Não, Beto, eu não quero sair daqui.

JOÃO
Vamos, pessoal.

MOÇA
Pra quê?

DEOLINDO
A gente vai tentar separar o último carro do resto da composição. Se se conseguir, pode-se salvar muita gente. Mas tem que ir todo mundo lá pra trás.

HILÁRIO
É bom andar depressa, minha gente. Quanto mais tempo ficarem aqui na frente pior. *(Alguns passageiros se dispõem a acompanhá-los e começam a levantar-se.)*

BEATO
(Gritando) Ninguém sai daqui. Lá atrás está a danação. Só há uma salvação. A salvação em Deus pela oração.

JOÃO
O importante é todo mundo sair daqui.

BETO
Vamos, Mariinha.

BEATO
Ninguém sai. Eu sou a verdade! E este é o meu templo. De joelhos! De joelhos ou o raio da justiça se arrebentará sobre as suas cabeças. *(Alguns passageiros voltam a ajoelhar-se.)*

DEOLINDO
Gente, o trem vai bater! Vai bater! Vocês não podem ficar aqui sem fazer nada, rezando, se deixando morrer. Ficar aqui é suicídio. Vamos lá pra trás. Vamos ver se a gente se salva tudo junto.

PASSAGEIRO
O moço tem razão, vamos lá pra trás.

MAESTRO
Vamos todos pro mictório.

PASSAGEIRO
Vamos todos, vamos.

BEATO
Fulmina-os, Senhor, porque não há retidão em suas palavras e suas gargantas são sepulcros abertos. *(Forma-se ligeiro tumulto.)*

ZEFA
Vamos lá pra trás, Zé?

ZÉ
Vamos coisa nenhuma. Eu tou com o santo. Ele disse pra ficar, eu fico.

ZEFA
Isso lá é santo? É santo coisa nenhuma. Tá é maluco. Tu não tá vendo?

ZÉ
E daí? Já viste santo que não fosse maluco? Eu fico com o santo, pronto.

PASSAGEIROS
Eu fico com o santo! Vamos lá pra trás! Eu fico também! Eu vou! Nós ficamos! Ficamos com o santo! Pra trás! Pra trás! Eu quero ficar!

NECO
Quem não quiser ir que fique. O resto vem pra trás. *(Vão sair. O Beato coloca-se na passagem, impedindo a saída.)*

BEATO

Ninguém sai. Esse é o meu rebanho e eu sou o seu pastor. Esta viagem é a minha viagem.

DEOLINDO

Sai da frente, seu Beato. Senão a gente vai ter que tirar o senhor pela força. Não vamos morrer por sua causa, não.

BEATO

Eu vejo. Eu vejo os fariseus que te ofendem e humilham no caminho do calvário.

PEDRO

Foi o senhor que pediu, seu Beato. *(Tira o Beato da passagem.)*

DEOLINDO

Vão saindo, gente. *(Alguns passageiros começam a sair do vagão, indo para o fundo. No ar, levantado por Pedro, o Beato abre os braços para o alto. Pedro gira com ele.)*

BEATO

Essa guerra é a minha guerra! Morte aos fariseus!

VOZES

Morte! Morte aos fariseus! *(Os seguidores do Beato começam a agredir os demais passageiros. A briga se generaliza. Pedro é derrubado e pisado.)*

ZÉ

Aí, seu santo. Dá neles.

ZEFA

Vam'bora, Zé.

ZÉ

Não amola, mulher. Vai você.

ZEFA

Tu tá maluco também. Vou mesmo. *(Sai para o fundo pelo meio da briga.)*

BETO

Mariinha, vamos, Mariinha!

MARIINHA

Eu fico aqui, Beto. Eu fico. *(No meio da briga o Beato começa a cantar em voz alta. Deolindo, João, Hilário e Neco vão empurrando os passageiros que podem pela passagem. Os fiéis começam a se ajoelhar. Neco apanha Pedro nas costas e sai com ele.)*

DEOLINDO

Vão saindo, gente. Acordem o pessoal que ainda está dormindo nos bancos dos outros carros. Vão passando, vão acordando. As crianças vocês pegam no colo.

JOÃO

(Para a Moça) Vai lá pra trás com os outros.

MOÇA

E você?

JOÃO

Nós ficamos. Ainda tem muita gente aqui. Vamos tentar convencer.

MOÇA

(Para Beto) E Mariinha?

BETO

Pode deixar. Eu levo ela.

DEOLINDO

É melhor vocês irem todos embora. Não adianta mais. Os outros não vão mesmo. Eu fico com o rapaz pra tentar levar a mocinha. Assim que chegarem, vão separando o carro. Esperem só uns segundos. Se não der pra gente chegar, azar. Não vão sacrificar o resto só por nós três.

JOÃO

Está bem, amigo velho. Tamos te esperando. Vamos gente. *(Saem.)*

BETO

Vem, Mariinha, vamos sair daqui.

MARIINHA

Não, Beto, não, não.

DEOLINDO

Vem, moça. Vocês têm muita vida pra viver.

BETO

Mariinha, eu vou te levar que qualquer jeito.

MARIINHA

(Livrando-se dele e abraçando-se aos pés do Beto)
Não, não, meu pai, me acuda, meu paizinho. Ele... meu pai... ele é o culpado. Me arrastou pro pecado, agora quer me levar pro inferno. Me acuda, meu pai.

DEOLINDO

(A Beto) Tem calma, rapaz.

BETO

(Ajoelhando-se ao lado dela e tomando-lhe o rosto nas mãos) Eu quero é te salvar, Mariinha. Salvar o nosso filho.

MARIINHA

Filho do pecado. Eu não quero o filho do pecado.

BETO

Que pecado, Mariinha? Se querer não pode ser pecado. Pecado é se deixar morrer assim. A gente tem que viver, Mariinha. A vida respondeu ao amor da gente com outra vida. A gente tem que dar uma resposta também. E só pode responder certo, vivendo. Amando, lutando e sofrendo junto pra melhorar a vida. Não é só se entregando nem fugindo, Mariinha. O beato tá errado. Se a gente só encontra Deus na morte, então é melhor não encontrar nunca. Vamos lá pra trás, Mariinha. Lá atrás tem a gente que quer viver. Vamos, Mariinha.

MARIINHA

Não, não. Tira a mão de mim.

DEOLINDO

Leva ela à força, rapaz. Eu te protejo. *(Beto)*

levanta Mariinha nos braços. Deolindo se agarra ao Beato, impedindo-o de mover-se. Os fiéis tentam barrar a fuga de Beto.) Foge, rapaz, leva ela. (Beto sai com a moça, que se debate em seus braços. Gira rapidamente, evita os outros e sai do vagão. Os fiéis agridem Deolindo, enquanto o Beato levanta os braços para o céu. Deolindo vai caindo, abraçado sempre ao Beato e escorregando pelo seu corpo até o chão. Corte para o filme. Beto carregando Mariinha através dos vagões. Mariinha vai parando de se debater e começa a acariciar a cabeça de Beto. Beijam-se. Ouve-se ruído de marteladas que vai aumentando gradativamente. Sai o filme. A Prostituta aparece à porta do primeiro vagão e vai ajoelhar-se onde está Deolindo, colocando a cabeça dele em seu colo e acariciando-lhe os cabelos. Zefa também entra de volta no vagão. As falas seguintes são lentas, pontuadas pelo ruído das rodas de ferro batendo.)

ZEFA

Tu não vai mesmo, Zé?

ZÉ

Não chateia, mulher. Voltaste, é? (Zefa senta-se e fica olhando para Zé.)

VELHA

Judith, minha filha, vem cá. Essa menina...

MENINO

Embalhé, embalhé.

JORGE

Ela tava aí. Caiu.

CAMPONÉS 1

Eu num queria prejudicar ninguém...

CAMPONÉS 2

O destino é o destino.

BEATO

(Rezando em voz baixa)

Senhor,

em teu esplendor me inclinarei.

Do teu esplendor meus olhos não tomarão conhecimento,

pois minha nuca estará curvada diante de ti e meus olhos pousados ali, onde os joelhos suportam o peso de todas as culpas.

(Durante essa fala, o ruído de rodas e ferros deve aumentar sempre. O Beato também vai aumentando o volume de sua voz e a intensidade da oração. A Aleluia volta a ser cantada.)

BETO

Todos os que de ti se afastaram sentirão o frio e agudo corte da lâmina e hão de chorar sem verter lágrimas, gritar sem que seus ouvidos alcancem o som da mesma voz,

caminhar perdidos da própria sombra. (De repente, um grande solavanco. As luzes se apagam. Corte para o filme, que mostra o carro que foi separado e os rostos ansiosos dos que foram para lá. Depois, o vagão correndo sozinho e gradativamente diminuindo a velocidade até parar. Corte para o resto da composição, que continua em alta velocidade. O ruído das rodas aumenta. A Aleluia vai ao paroxismo. Black out. Um grande estrondo. Na tela, a foto de um desastre de trem. Composições engavetadas, corpos pendurados e mutilados. Diante da fotografia, que toma todo o espaço cênico, três mulheres vestidas de negro estão voltadas para o público. Uma delas é bem jovem: dezesseis a dezoito anos. Outra tem entre trinta e 35 e a terceira é uma velha. Lamento.)

CORO DAS TRÊS MULHERES

Ele era meu pai, moço, meu homem, meu filho.

Ele era calado, alegre, carinhoso, rabugento.

Gostava muito de ficar na porta aos domingos, sentado na cadeira e esticando uma conversa com os amigos.

E era trabalhador como poucos, como poucos.

Como poucos, moço, como poucos.

(A mais jovem se destaca e fala sozinha.)

MULHER 1

Ia sempre nesse trem.

Antes chegava perto da minha cama e ficava olhando assim, calado, depois ia.

MULHER 2

Levantava tão cedo, moço.

Tão cedo pra pegar esse trem.

Tão cedo e já de brincadeira,

atrapalhando a gente na cozinha, apertando a gente

sem querer abandonar o calor do nosso corpo, sempre brincando.

Da rua dava adeus, sumia,

mas sua mão ficava dançando no ar, no olho da gente,

até esconder-se embaixo das cobertas e adormecer em nosso peito.

MULHER 3

Tomava tão apressado o café...

Tanta pressa... pra quê, meu filho?

Tanta pressa!

Eu ajeitava a camisa dele, sempre pra fora da calça,

e ficava na porta até que seus ombros curvassem a esquina. "Lembra tanto o pai".

Era arrimo, moço.

CORO

Arrimo, arrimo.
Trabalhador como poucos,
como poucos.
Deolindo, moço, Deolindo era o seu nome.
Hilário, José de Souza, Isaltino, Pedro, moço.
Ele tinha defeitos, moço. O senhor não tem?
Ele era tão diverso do senhor, moço, e no entanto
igual.

Ele ia para o trabalho de trem. E o senhor, moço,
permita,
como viaja?
De ônibus, carro, avião? Seu trem tem rumo?
Aonde o conduz?
À estação mais próxima? O senhor, moço, perdoe.
Qual é a estação mais próxima?
A mesma de ontem? A mesma de ontem?
A MESMA de ontem?
A MESMA DE ONTEM?

FIM